

Com seus Próprios Olhos¹

Anilton JUNIOR²
Daniella SILVA³
Jéssica de SOUZA⁴
Romulo SOUSA⁵
Thiago PEREIRA⁶
Victor COSTA⁷
Allan RODRIGUES⁸

Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, AM

RESUMO

O Ensaio fotográfico “Com seus próprios olhos” é o produto final do quarto período (2013/2), da disciplina A Comunicação no Amazonas e na Amazônia, dos alunos de Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas, baseado na obra “A invenção da Amazônia” de Neide Gondim. O livro retrata o imaginário dos navegadores que antes de desembarcarem em terras desconhecidas do outro lado do continente no século XVI, já criavam lendas e mitos sobre o Novo Mundo. Assim como no passado, mesmo após séculos de história, os estereótipos constituem boa parte do imaginário de quem realmente não conhece o território do Estado Amazonas. “Com seus próprios olhos” é uma proposta de mostrar características e aspectos da natureza de nossa região na maioria das vezes distorcidos.

PALAVRAS-CHAVE: Amazonas; estereótipos; ensaio fotográfico; natureza;

1 INTRODUÇÃO

Antes da viagem para as Índias e conseqüente reconhecimento de terras e habitantes do outro lado do continente, os exploradores já tinham em mente um mundo imaginário devido outras navegações descritas pelos cronistas.

“Os relatos de viagens sempre exerceram seu fascínio e muitos não envelheceram. Ulisses, em sua epopéia marítima, viu sereias e ciclopes. Hannon, o cartiginês (c.505 a.C.), colonizador das possessões da costa ocidental da África, descreve a abundância de árvores odoríferas e plantas balsâmicas e confunde gorilas com selvagens peludos numa ilha próxima à embocadura do rio do Ouro” (GONDIM,2007,p.27)

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Produção Transdisciplinar, modalidade Ensaio Fotográfico Artístico (conjunto).

² Aluno líder do grupo e estudante do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo: aniltonjunior654@gmail.com.

³ Estudante do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: daniellacoriolano16@gmail.com.

⁴ Estudante do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: tammijessicaa@gmail.com

⁵ Estudante do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: desousaromulo@gmail.com.

⁶ Estudante do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: thiagofpf@hotmail.com

⁷ Estudante do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: vikthorcosta@gmail.com

⁸ Orientador do trabalho: Allan Soljenítsin Barreto Rodrigues, Professor do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, email: allan30@gmail.com.

Ao comparar a região Norte com o Novo Mundo do século XVI, encontramos a relação dessas duas épocas na visão externa de quem não tem conhecimento sobre essas terras. O imaginário e a pouca informação constroem teorias de como pode ser o desconhecido e formam estereótipos.

Para Gahagan (1980), um estereótipo é uma supergeneralização: não pode ser verdadeiro para todos os membros de um grupo (...). O estereótipo é, provavelmente, muito inexato como descrição de um dado sujeito (...), mas não dada qualquer outra informação, constitui uma conjectura racional.

A Amazônia atualmente é representada como a imagem clássica descrita pelos europeus que pisaram em nossas terras. De uma forma que nossa cultura não tivesse, utilizando o termo equivocado, evoluído como as outras regiões do Brasil. Nossa cultura é certamente entrelaçada com a cultura indígena, mas, além disso, há uma mistura de características dos povos que aqui se estabeleceram.

Por isso, a proposta do ensaio fotográfico é colocar o estereótipo reconhecido por fora dos limites amazônicos de frente com o que realmente ocorre dentro da delimitação, para mostrar a distância existente entre um conceito e outro. Demonstrar as diferenças e quebrar os paradigmas que envolvem o imaginário ainda hoje em dia sobre nossa região.

2 OBJETIVO

Com o ensaio “Com seus próprios olhos” procuramos retratar a realidade dos estereótipos atuais. Com a utilização de dupla exposição em fotografias mostramos as duas faces do estereótipo: o conceito retratado da mente de quem é de fora e o que ocorre no Norte de fato. A região Norte é vista culturalmente como a terra das florestas, com gigantes árvores que abrigam índios sem contato com a civilização. E mesmo quando saímos do conceito pré-concebido de “mata”, nossa sociedade enfrenta preconceitos com características do próprio povo, como por exemplo, a preguiça, conceito que advém do índio e sua despreocupação com o trabalho já que sua terra é autossuficiente. O ensaio fotográfico busca representar uma releitura do impacto que os exploradores tiveram ao chegar ao Novo Mundo, ou seja, o confronto de teorias a refutação e até mesmo a confirmação desses conceitos precipitados.

Como objetivo secundário, o ensaio “Com seus próprios olhos” busca esclarecer os estereótipos estabelecidos, trazendo o que realmente acontece na Amazônia, talvez

mudando a ideia errônea que foi construída pela sociedade em torno das cidades amazônicas.

3 JUSTIFICATIVA

O trabalho oferecido baseia-se no livro “Invenção da Amazônia” que trata das descrições dos navegadores do século XVI no qual as histórias sobre o Novo Mundo foram construídas. Levando em consideração esse contexto existente, o grupo procurou trazer a ideia do livro para a atualidade, construindo imagens que mesclam a realidade com os estereótipos estabelecidos pela sociedade do século XXI. Procura-se desmitificar os aspectos e características criadas baseadas em histórias e ideias antigas sobre a Região Amazônica. Para obtermos o resultado que propusemos, o efeito da dupla-exposição de imagens foi o método escolhido. A dupla exposição consiste na sobreposição de duas fotos em uma só. No caso desse ensaio, as fotos sobrepostas trazem os dois conceitos, do estereótipo e da realidade, para que as ideias se confrontem.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para iniciarmos a produção do ensaio fotográfico baseado no livro de Neide Gondim, a Invenção da Amazônia, foram feitos vários *brainstormings* para definirmos qual linha de pensamento seguiríamos do decorrer do projeto. A partir da leitura do livro, que conta com muita singularidade as perspectivas dos europeus sobre a Amazônia, chegamos à conclusão que trabalharíamos com os estereótipos atuais, ou seja, conceitos definidos a partir de uma visão generalizada baseadas em informações de terceiros. Para firmar essa interação entre a realidade do Norte e a visão externa, trabalhamos com a sobreposição com a intenção de atribuir dois conceitos controversos, como por exemplo, uma estrada cercada pela floresta com uma rua cercada por prédios e carros sobreposta à foto anterior. De modo que a sobreposição aparece especialmente nas sombras.

Em função desta técnica, o número de fotografias foi duplicado. Para que fossem feitas dez fotografias, precisamos planejar o total de vinte fotografias. Como ferramenta principal foram utilizadas duas câmeras profissionais Cannon, uma EOS 60D e outra Rebel T5i. Grande parte das fotografias foi tirada com sombreamento em até 50% de sua área para que fossem feitas sobreposições. Em algumas delas, em função da grande quantidade de luz, se fez necessária a alteração do ISO e da abertura do obturador em escalas diferentes

para se adaptar ao ambiente em que a fotografia foi tirada e ao que desejaríamos no corpo da mesma, a sombra.

O ensaio foi executado em vários pontos da cidade, como o Centro Histórico, o bairro Aparecida, Educandos, e também fora de Manaus, como no Rio Preto da Eva, comunidade do Catalão e January. Para a edição das fotos foram utilizados os softwares Adobe Lightroom CS5 e Adobe Photoshop CS3.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Cada fotografia do ensaio fotográfico foi elaborada baseada no conceito estereótipo vs realidade. Ao todo vinte fotos foram tiradas para finalizarmos com dez, já que no processo de edição utilizamos duas para cada produto JPG.

Na primeira fotografia, temos o café e o açaí. O açaí é um alimento muito importante para o norte do Brasil, fazendo parte da dieta das famílias nortistas. Após os anos noventa, o Amazonas e o Pará se tornaram os maiores produtores da fruta, sendo responsáveis por 85% da produção mundial, incorporando-a ao cardápio do resto do Brasil e do mundo. Visto isso, sua importância no contexto amazônico é imenso, por isso a escolha do açaí para representar a ideia de que as raízes e costumes dessa região ainda vigoram fortemente no cotidiano dos manauaras.



Para trabalhar com a sobreposição do açaí, foi escolhido o café como contraponto às raízes amazônicas, já que ela é uma bebida mais popular no sudeste do país e no resto do mundo. O café foi rapidamente introduzido aos costumes de todo o Brasil, e é exemplo da globalização, diferente do conceito de “raiz” que o açaí traz. Ao trabalhá-las juntas, a ideia foi exemplificar como os dois costumes coexistem de forma harmoniosa no dia-a-dia de Manaus.

A segunda traz o estereótipo da ideia de animais silvestres andando livremente na cidade, geralmente dito de maneira jocosa. Para haver o contraste utilizamos uma fotografia de um jacaré num rio sobreposta em uma poça d'água na beira da calçada de uma avenida. Animais silvestres não andam pelas ruas da cidade de Manaus com frequência, eventualmente, por estarmos cercados de florestas, alguns animais se perdem e aparecem nas redondezas.



A foto do jacaré foi escolhida para representar os animais silvestres da nossa fauna. No livro de Gondim, há muitas citações sobre esses animais que viviam por aqui como um descrito por Cecco d'Ascoli como animais “que têm focinho de cachorro, esporões no dorso, pêlos e ladrar de cachorros.” (GONDIM, 2007, p.42)

Ao contrário do que as pessoas pensam de uma cidade do Amazonas, Manaus contém grande parte de sua com ruas asfaltadas. Por isso, escolhemos uma imagem urbana para compor o contraste com o animal selvagem.

As palafitas são sistemas construtivos usados em regiões alagadiças, cuja função é evitar que as casas sejam arrastadas pela correnteza dos rios. Elas são comuns em todas as regiões do mundo e em Manaus, sua presença é visível em várias localidades da cidade. A foto tirada desse tipo de moradia para a composição dessa imagem se deu por essa realidade



representar as casas que antigamente povoavam a capital amazonense. Ao longo dos tempos, os rios foram perdendo espaço para o asfalto, conseqüentemente, as moradias flutuantes cada vez menos compunham os cenários urbanos. Comparados às palafitas, os prédios históricos de Manaus representam outra realidade que tomou conta das imagens da cidade por muitos anos. São construções

erguidas com os recursos dos tempos áureos do ciclo da borracha, principal pólo econômico de Manaus e do Brasil no começo do século XX.

Ao longo do tempo, esses prédios foram deteriorando-se, porém, eles ainda guardam muita história. Diferente das outras imagens, a composição desta trouxe as duas realidades sendo de cunho histórico, remetendo ao tempo em que elas mais predominaram.

Ressalta-se também a visão estereotipada que se construiu fortemente ao longo dos anos: Na cidade de Manaus só havia moradias indígenas. A capital amazonense era repleta de casas com raízes indígenas, porém, era necessário apenas atravessar a rua para se deparar com construções grandiosas como o Teatro Amazonas.

A mandioca é um dos alimentos mais antigos da população amazônica. Sua história e cultura sempre foram contemporâneas à história de Manaus. Sua utilização acontece de



diversas formas dentro da culinária amazonense, fazendo parte da dieta de várias gerações. Sua escolha para compor a imagem se deve principalmente pelo forte contexto histórico que ela carrega. Em contra ponto, um dos alimentos mais globalizados foi escolhido para sobrepor-se à mandioca: a pipoca. A imagem brinca sobre como seria se as pessoas, ao invés de pipoca, assistissem aos filmes nas grandes salas de cinema

saboreando um prato de macaxeira frita (modo mais famoso de preparo em Manaus).

Em segundo plano, semelhante à ideia proposta na imagem do açaí com o café, o objetivo dessa foto é ressaltar que apesar da pipoca ser mais presente no cotidiano manauara, a macaxeira continua presente nas mesas amazonenses, como sempre esteve.

Essa imagem retrata um dos principais e mais disseminados estereótipos criados sobre a cidade Manaus e também às regiões amazônicas. A ideia de que os índios que ainda habitam e mantêm parte de seus costumes na capital andam seminus e portam arco e flechas, caçando animais nas ruas da cidade. Apesar do conhecimento (da maioria) de que isso não é verdade, o preconceito continua sendo alimentado.

Em segundo plano, a ideia da imagem não é negar a existência indígena na capital amazonense, e sim afirmá-la como principal origem, correlacionando com os atuais amazonenses, que apesar da descendência, seus costumes e modo de viver cada vez mais se distanciam dos antigos povos.

Foram produzidas duas fotos: uma de uma garota com traços indígenas trajando as vestimentas tradicionais e a outra, também com traços indígenas, trajando roupas “normais”, no caso, uma farda escolar.



Manaus está rodeada pela floresta, mesmo assim, como qualquer cidade grande possui características de uma região movimentada, inclusive as ruas. Através da foto, uma face mais urbana da capital é mostrada, em detrimento do que o imaginário popular normalmente sugere de uma cidade no coração da floresta.

Prioritariamente temos uma foto de floresta para conceituar o estereótipo de somente existir mata na cidade. A outra mostra o tráfego, prédios, a agitação que é realmente a capital do Estado do Amazonas.

Um dos maiores objetivos dos exploradores das grandes navegações era encontrar o *El Dorado*, ou mesmo o Paraíso na terra, onde haveria mulheres, vinhos e, principalmente, ouro e joias. Não encontraram um tesouro de ouro e prata na maioria das vezes. Ao chegar aqui, encontraram, na verdade, uma vasta disponibilidade de recursos naturais. Atualmente, as joias produzidas na capital são feitas de sementes de árvores, um



tesouro produzido com recursos da nossa terra.

Utiliza-se tanto colares de sementes quanto joias de metais brilhantes na capital. Não usamos somente o que produzimos. Na metade da fotografia, uma mulher está com bijuterias de sementes, com o cabelo solto, uma personagem comum do nosso dia a dia, que sobrepõe a outra metade, onde há uma mulher elegante com cordão e brincos de ouro.

Por estar em uma localidade com vários canais e rios, viagens de barcos são comuns entre uma cidade e outra no Estado do Amazonas. Mas não existe somente esse meio de transporte aqui. Há estradas de uma cidade para outra e conseqüentemente a utilização de



transportes terrestres, como: carros e motocicletas.

Um dos estereótipos mais presentes na visão errônea sobre a região amazônica é que nelas somente é possível usar barcos ou canoas, e carros, da civilização, ainda não chegaram nessas localidades. Na construção dessa imagem, a foto de um carro trafegando em uma das avenidas da cidade de Manaus reflete bem

que a capital amazonense, assim como resto do Brasil, enfrenta o problema de trânsito urbano.

Juntando-se à imagem do carro, há a foto de um barco navegando sobre o Rio negro, um dos principais afluentes do Rio Amazonas, maior rio em volume de água do mundo. A sobreposição das duas exemplifica que apesar da predominância dos carros em Manaus, os barcos ainda são meios de transporte imprescindíveis para a população amazonense.

Um dos maiores preconceitos é o amazonense ser preguiçoso. A rede representa a vida do índio de viver para se sustentar sem se preocupar com o futuro, pois os recursos naturais são vastos nas florestas, uma sobrevivência autossuficiente. O contraste se dá na imagem do trabalho sobreposta na rede.

Assim como na maioria das imagens construídas no ensaio “Com seus próprios olhos”, procura-se diminuir o preconceito existente, porém afirmando que as raízes e costumes, principalmente indígenas, ainda fazem parte do cotidiano das cidades amazônicas. A rede é um desses costumes. Semelhante ao preconceito existente à preguiça dos baianos, também em relação aos



amazonenses, esse estereótipo não passa de uma história mal contada várias vezes, que em algum momento ganhou falso cunho verdadeiro. É ilógico pensar que um povo supostamente preguiçoso faria de Manaus uma das capitais economicamente mais fortes do País.

Um dos estereótipos mais bem humorados (ou nem tanto) é a ideia que de as pessoas nas cidades amazônicas se locomovem, dentro da cidade, se balançando de um cipó para o



outro. Dentro do ensaio, esse é o preconceito que é inteiramente errôneo, sem nenhuma possível veracidade.

Em nenhum momento da história, os índios se balançaram entre cipós para se locomoverem dentro da floresta. A ideia se torna mais ridícula quando pensada dentro da cidade de Manaus, por exemplo.

Nessa imagem, houve o objetivo de continuar o tom humorístico desse preconceito. Primeiro põe-se a imagem de uma pessoa segurando um cipó, simulando uma possível locomoção através dele, juntamente a uma foto de dentro do ônibus. Então, supostamente, sim, as pessoas se locomovem pela cidade de Manaus através de cipós, a diferença é que é sem sair do ônibus durante o trajeto.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro aborda de forma muito interessante a construção preconceituosa em relação à região amazônica nos séculos passados. Não somente na antiguidade, mas ainda hoje há estereótipos sobre a região norte do país, como se ainda fossem habitadas por índios aquém da civilização. Esses estereótipos já foram abordados em vários aspectos e através de diferentes mídias, porém, a fotografia através da sobreposição de imagens lança um novo olhar sobre o preconceito cotidiano sobre a Amazônia.

Foram necessários estudos teóricos e técnicos aprofundados sobre a sobreposição de imagens, visto que, apesar do conhecimento dessa técnica de montagens fotográficas, não havia conhecimento suficiente para botá-la em prática. Por isso, o avanço profissional foi um dos principais legados para o grupo após a conclusão do projeto.

A técnica escolhida apresentou satisfatoriamente a ideia que o grupo estipulou: há sim uma grande presença de fauna, flora, e costumes originalmente amazônicos coexistindo com uma metrópole com uma grande infraestrutura, impulsionada pelo seu pólo industrial pujante.

Não somente a experiência profissional, mas também foi de grande aprendizado, o conhecimento melhorado pela região que habitamos. Quando o preconceito, em relação à fauna e flora, é exposto de um estrangeiro para um habitante local, algumas pessoas da região rapidamente tratam de negar a existência desses meios dentro do cotidiano das cidades. Porém, sem saber, elas alimentam o preconceito. Não somente desmistificar as ideias preconcebidas dos estrangeiros, o projeto visa alimentar o conhecimento das pessoas sobre a própria região, fazendo com que os costumes e fatos regionais não sejam fatores inferiorizados pelos próprios habitantes.

REFERÊNCIAS

GAHAGAN, J. **Compor/amemo Interpessoal e de Grupo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. Manaus: Editora Valer, 2007. 340p.

FREEMAN, Michael. **Edição Criativa de Imagens e Efeitos Especiais**. Porto Alegre: Bookman, 2003. 160p.